

GOVERNANCE

Depois do BES e da PT, o que mudou na gestão?

Palha da Silva confessa que o caso PT trouxe um maior peso à sua liderança. Pedro Rebelo de Sousa sublinha que não foi o incumprimento das regras que levou a este desfecho mas “a concentração excessiva num tipo de personagens”.

SARA RIBEIRO

sararibeiro@negocios.pt

Nos últimos anos, a discussão em torno das regras do “corporate governance” [modelos de gestão] tem estado no topo da agenda em vários países. Os casos BES e PT agudizaram o tema em Portugal. Mas o desfecho teria sido diferente se houvesse o cumprimento? Ou se houvesse novas regras?

Segundo os gestores e advogados presentes na conferência dedicada ao tema Corporate Governance: Nomeação para os Órgãos de Gestão, não. Até porque “o BES ganhou o reconhecimento como um bom exemplo de ‘corporate governance’”, recorda Pedro Rebelo de Sousa, presidente do Instituto Português de Corporate Governance, organizador do evento a par com a Staton Chase.

“Não são as novas regras que podem alterar certo tipo de comportamentos, que são muito determinados por haver, talvez, uma concentração de poder numa determinada pessoa”, disse à margem da conferência. Para



Bruno Simão

Palha da Silva sublinha: “Estamos a tratar de pessoas”, não de “máquinas”.

o advogado, o que se pode concluir com estes casos “é que há uma concentração excessiva num determinado tipo de personagens que não são contrariados na substância das suas decisões”.

Já Luís Palha da Silva, “chairman” da Pharol (ex-PT SGPS) sublinha: “Estamos a tratar de pessoas, não estamos a tratar de máquinas. As coisas não acontecem sempre exactamente como se prevê.” “Para que um bom modelo funcione, é preciso que sejam as pessoas adequadas, no

momento certo, no lugar certo, com as políticas certas. E às vezes não há essa conjugação de factores”, lamenta o gestor. O que “não põe em causa a qualidade das empresas do mercado de capitais. Há muitas empresas que funcionam de uma forma quase perfeita”, acrescenta.

Palha da Silva admitiu ainda que o caso PT acarretou um maior peso quando assumiu a liderança da PT SGPS. Mas, “é o que diz o povo: depois de casa arrombada, trancas nas portas. Tem de se ter todo o cuidado.” ■

REGULAÇÃO

IPCG aguarda proposta da CMVM

O Instituto Português de Corporate Governance (IPCG) está “activamente em diálogo com a CMVM para a possibilidade de haver uma convergência dos códigos”, explicou ao Negócios Pedro Rebelo de Sousa, presidente da entidade. Sempre que o regulador liderado por Carlos Tavares propõe alterações, “tentamos dar os nossos comentários, mesmo aqueles pedidos de alteração que a CMVM tem vindo a introduzir para o código de valores mobiliários existente”, estando ainda a aguardar resposta. Uma situação que espera “que se acelere nas próximas semanas. Aguardamos da CMVM uma proposta, a qual analisaremos com muito interesse”, adianta Pedro Rebelo de Sousa, presidente da associação de direito privado, que tem como missão promover o “corporate governance”.



Depois de casa arrombada, trancas nas portas. Tem de se ter todo o cuidado.

LUÍS PALHA DA SILVA
“Chairman” da Pharol
(ex-PT SGPS)



GOVERNANCE
Depois do BES e da PT,
o que mudou na gestão?
EMPRESAS 16